

Renata Soltanovitch

Hostel

Renata Soltanovitch

São Paulo – junho/2026

2ª edição

Hostel

Nota da autora

Este conto foi originalmente escrito em setembro/2022 e publicado em uma plataforma exclusiva para leitores assinantes.

Nesta nova edição, optei por disponibilizá-lo gratuitamente em meu site, para que qualquer pessoa possa ler, se assim interessar.

Como o propósito deste trabalho é contribuir com o próximo, os direitos autorais desta edição estão sendo oferecidos ao Geebem – Centro de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes, localizado na Rua Capellen, 36 – Jardim Caravelas, São Paulo – SP, CEP 04728-040. Mais informações podem ser encontradas em www.geebem.org.br.

No site do Geebem há uma lista de organizações parceiras, permitindo que o leitor contribua diretamente por meio da doação de alimentos, medicamentos, roupas ou produtos de limpeza.

A sua ajuda pode transformar vidas — esse é o verdadeiro impacto desta obra.

Boa leitura!

Hostel

Capítulo I

– Preciso pensar em uma saída – disse a detetive para si mesma, quando acreditou que a melhor solução para aquele momento seria umas férias, ainda que curtas.

Sozinha, solteira, velha... aliás, já passava dos 75 anos, mas com mais vigor do que qualquer garotinha de meia-idade.

Vivia de caso em caso...

Não, não, leitor... não é caso amoroso... é caso... casos... você sabe o que faz um detetive?

Capítulo II

Thynna chegou à praia de mala e cuia e procurou um hostel, pois não imaginava que aquela cidade estaria tão lotada de viajantes e todos os hotéis ocupados.

Já estava acostumada a ficar entre os jovens, mas fazia apenas questão de ter uma suíte privativa, mesmo que pequena, como acontece nestes tipos de hostel... este negócio de compartilhar quartos era para seu amigo Paolo, e não para ela.

Achou graça na lembrança! Lembrou-se do amigo e riu sozinha. Quando voltasse das férias, ligaria para ele e marcaria um almoço no restaurante do seu amigo Marcelo, na Rua Quintino Bocaiuva, no Centro de São Paulo, só para apreciar um bom vinho, o bolinho de legumes, o cupim na panela e, claro, dar risadas. Tem pessoas que valem a pena e são peculiares por si sós.

Era diversão garantida!

E Thynna mal pisou no tapete de boas-vindas do hostel e já foi atendida por um “maluco beleza” que, por coincidência ou por ser predestinado, como sempre comentava o jornalista Zé Simão na Radio Bandeirantes, seu nome era Rauzito.

Pensou que fosse um apelido!

– Não, não – disse o maluco beleza. – Meu nome é Rauzito mesmo. Olha só meu crachá! – e o exibiu, fazendo com que sua tatuagem de “olho de Hórus”, feita no dorso de suas mãos, demonstrasse uma particularidade de amuleto maior do que uma simples tatuagem, mas algo mais místico.

– Crachá não quer dizer nada, meu filho! – sim, porque certamente o rapaz deveria ter uns vinte e poucos anos e poderia ser seu filho, se acreditasse na humanidade... e logo

Renata Soltanovitch

pensou em Brás Cubas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

– É sério, senhora!

Thynna ficava puta da vida quando a chamavam de senhora e logo fez uma expressão que deixou Rauzito desconfortável e mostrando o RG para comprovar que falava a verdade.

Ela sorriu!

– Então tá, Rauzito... você tem para esta velha senhora uma suíte para os próximos três dias?

Ela pensou em três dias, pois não sabia se iria aguentar mais tempo longe do trabalho do que isto.

– Só três dias? – perguntou Rauzito. – Depois que a senhora conhecer o local e a galera que frequenta aqui, tenho certeza que vai querer ficar bem mais. Todas as noites fazemos um luau na praia, com direito a muita bebida e com minha sócia cantando MPB. A senhora gosta de Zeca Baleiro? Alceu Valença? Ana Carolina? Vinicius de Moraes? Elis Regina? Então... é o que tocamos por aqui.

Thynna até gostava, e muito, mas imaginava o que acompanhava essas músicas... pois essa garotada não tinha cara de quem gostava desse tipo de música a seco... de

qualquer forma, fechou os três dias, dizendo que pensaria sobre os demais.

Capítulo III

Rauzito levou as malas de Thynna para a suíte e fez as apresentações de praxe.

– Então, Dona, aqui está o melhor quarto do meu hostel.

Ela sorriu, pois já ficou em lugares bem melhores quando viajava a trabalho.

– Então, aqui está sua cama de casal, com TV a cabo, mas garanto que a senhora não irá querer passar seus dias vendo TV.

Não mesmo, pensou Thynna.

– Bom, embora a suíte não tenha vista para a praia, ela tem vista para a mata... sim, senhora, temos mata aqui na lateral. E muita mata... a senhora ainda ficará com um jardim privativo. Só recomendo ficar atenta, trancar bem esta janela!

Thynna olhou em volta. Abriu a porta que dava para o jardim privativo. Sentiu o cheiro da mata. Ouviu o barulho do vento, as folhas se movendo. Sentiu um leve perfume de rosas no ar.

Olhou de novo e não viu rosas. Percebeu algumas mudas de tempero somente. Identificou o manjericão, orégano, alecrim e claro, a cannabis, mas preferiu dar de ombros.

– Tem muito assalto por aqui? – perguntou Thynna, pois sabia que naquela região isso não acontecia, pois o batalhão da polícia militar ficava a alguns passos dali... o local parecia bem seguro... embora os noias estivessem tão ligeiros, não tendo medo da polícia e nem mesmo da vida, uma vez que, para eles, ela não vale nada... ou, se já não estamos mesmo vivendo no umbral, como disse uma vez sua cliente Elisa.

Mas o sonoro NÃO do Rauzito a acordou dos devaneios...

– Isto não mesmo! – completou Rauzito. – Na realidade, temos muitas lendas na região. De qualquer forma, tranque a janela e portas assim que escurecer e evite desconfortos. Pelo sim, pelo não...

– Tudo bem, Rauzito... não tenho medo de saci-pererê e nem da curupira... tenho experiência no assunto – e, achando graça de seu comentário, riu.

Mas ele não!

E, ao ver o rosto sério de Rauzito, fez uma expressão interrogativa, arqueando suas sobrancelhas.

– É que – disse Rauzito – no passado nem sei quanto distante, mas aqui nesta mata, ela era usada para muitos rituais. Tem até um pentagrama embaixo de uma daquelas árvores.

E continuou:

– Antes da instalação do batalhão da polícia militar aqui na região, encontraram um cemitério clandestino somente de pessoas suicidas e um pasto com muitos cavalos com suas crinas tão amarradas que foi preciso cortá-las, para soltar uns dos outros... seja lá como for, deixamos um aviso nas janelas que, ao escurecer, é recomendável mantê-las trancadas e as persianas abaixadas.

– Também dizem – continuou Rauzito – que, dependendo da hora da noite e de seu estado de espírito, esta porta te leva para um portal de sétima dimensão. Sugiro, como disse anteriormente, que evite desconfortos e não abra a porta e as janelas, mantendo-as fechadas assim que escurecer. Só isto!

– Espere – disse Thynna –, quero saber mais! – com um sorriso maroto no rosto.

– Depois te conto, senhora, há muita coisa que acontece por aqui. Em resumo: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” – citando William

Shakespeare. Aliás, no luau... entre uma canção e outra, minha sócia conta as lendas locais.

– Ah – continuou Rauzito –, só para a senhora saber... também foram encontrados diversos rituais com crânios... bem, deixa para mais tarde.

Estava explicado por que a pousada estava lotada. Quem não gosta de uma lenda ou de uma história assombrada? É uma forma bem inteligente de se fazer publicidade local.

Capítulo IV

Já na primeira noite, enquanto arrumava sua cabeleira loira para descer para o luau, Thynna viu escorregar debaixo da porta de sua suíte um bilhete, em papel sulfite A4, com letras coladas, como se fossem recortes de revistas, igual se vê em filme americano, com a seguinte frase:

Sei quem é você e sei que está atrás de mim, mas não vai me achar. Sou igual fumaça, quando acha que me viu, já dissipei.

Thynna achou estranho o bilhete, pois se cadastrou na recepção como aposentada. E não estava mentindo. Recebia inclusive proventos do INSS.

Estava com roupas mais descoladas, de modo que ninguém imaginava a formalidade de uma detetive. Ainda mais ela, que sempre se apresentou de forma elegante, exceto quando precisava se disfarçar para conseguir alguma informação.

Já se vestiu de tudo quanto é profissão, de garçoneiro a lixeira, de copeira a gari, de mecânica a executiva. Até de puta se disfarçou, pois, embora já tivesse mais de 75 anos, seu corpo ainda era enxuto e, com uma boa maquiagem, conseguia parecer bem mais jovem.

Então, não fazia sentido este bilhete, e mais: o único caso que estava pendente, e para o qual fora contratada pela família para trabalhar em conjunto com o advogado e a polícia, era... se bem que o processo estava sob sigilo... exceto para o verdadeiro assassino, óbvio.

Embora o assassino não pudesse saber a quanto andavam as investigações, presume-se... e, de qualquer forma, a detetive, sempre atenta a tudo, não tinha visto todos os hóspedes do hostel, pois chegara no início da manhã, sendo que a maioria estava dormindo e os poucos acordados já estavam na praia... e o Rauzito... não... este provavelmente sequer sabia o que era um detetive!

Meu Deus, será que não tenho um minuto de sossego? – pensou Thynna. E desceu para averiguar quem teria ido até a sua suíte, deixando tal bilhete debaixo da sua porta.

Olhou em volta e viu apenas a faxineira carregando os copos.

– Bom dia. Qual o seu nome? – perguntou Thynna, com voz adocicada.

– Rose. Posso te ajudar?

– Sim. Deixaram um bilhete embaixo da minha porta. A senhora viu quem era?

– Não. Eu estava limpando a área da piscina – e apontou com o dedo o local em que ficava um deck de madeira, com três espreguiçadeiras de plástico que, dependendo do hóspede, se quebrariam no meio.

A piscina, olhou Thynna, achando graça em chamar aquilo de piscina, parecia mais uma ofurô, de tão pequena. Quando muito, caberiam quatro pessoas exprimidas – e continuou achando graça, lembrando novamente do seu amigo Paolo, que adoraria se divertir em um lugar como este com as jovens hóspedes, não fosse seu atual estado de saúde.

Mas voltando ao bilhete...

Thynna olhou em volta... o fato é que o hostel ficava de portas abertas e Rauzito acumulava funções... era recepcionista, preenchia o cadastro e ajudava a levar as malas dos hóspedes

Renata Soltanovitch

para os quartos compartilhados, ou seja, qualquer um poderia ter entrado ali.

Olhou em volta e não viu câmeras, e aguardou Rauzito voltar da cozinha, pois tinha ido atender a um pedido de bebidas para as meninas que estavam saindo da piscina a caminho do luau, na praia.

– Rauzito, tem câmeras aqui?

– Ter, tem, mas estão todas quebradas, então retiramos elas.

– Então não tem.

– Tinha. Mas agora não tem mais.

Thynna riu da forma como aquele garoto, de pouco mais de vinte e tantos anos, cabelo encaracolado, que não via um pente já há alguns dias, tentou explicar-lhe sobre as câmeras.

Pediu licença e saiu.

Capítulo V

O hostel era pé na areia. Seu quintal dos fundos dava direito para o mar, com direito a várias espreguiçadeiras, sim, todas de plástico, guarda-sóis, sofás de vime, mesas de centro, enfim,

surpreendentemente diferente da primeira impressão quando se via o hostel.

A ideia deles era que o hóspede não precisasse sair de lá, nem mesmo para se divertir ou fazer suas refeições. Tudo muito descolado, do jeito que o jovem gosta. Nada de sofisticado, mas tudo muito divertido, alegre, colorido.

A primeira noite foi muito agradável. Thynna se deu ao luxo de pedir um hambúrguer com batatas fritas e uma cerveja bem gelada. Ouviu boa música, riu com os jovens, ouviu histórias engraçadas e foi para a sua suíte sem lembrança daquele bilhete.

Até que acordou, já nos primeiros raios de sol, com uma gritaria e abriu a janela para ver o que era.

Capítulo VI

Foi um corre-corre. Na dúvida, Thynna desceu mesmo de pijama listradinho rosa e branco, com a cara da Minnie estampada na camiseta. Pantufas nos pés. Lembrança de sua amiga da primeira viagem para a Disneylândia, à qual Thynna não pôde ir por causa, é claro, do trabalho.

No meio de um monte de vômito espalhado pelo deck, Thynna se aproximou da piscina e viu uma jovem, de bruços, dentro da água, afogada.

Lembrou-se de um caso de que cuidou quando foi delegada de polícia em um passado bem distante, em que uma criança se afogou em um balde de lavar roupa, e não deixou ninguém mexer no corpo.

Ligou para seus contatos e, em menos de meia hora, a polícia local já estava no hostel.

– Dr. MdeLira, sou a detetive Thynna. Gostaria de acompanhar o corpo até o IML.

– Desculpe, detetive – disse o delegado presente à cena do crime. – Respeito muito sua profissão, mas não a conheço pessoalmente e, mesmo que tenha sido bem recomendada pelo meu chefe, lamento, não é assim que funcionam as coisas por aqui.

– Entendo, delegado. Não quis desrespeitar sua autoridade, só gostaria de acompanhar a necropsia.

MdeLira era um delegado muito sério. Não brincava em serviço, não gostava de pessoas dando carteiradas e detestava esses detetives enchendo o saco nos inquéritos, querendo mostrar para a polícia como se faz seu trabalho.

Sua carreira de delegado era brilhante. Exímio atirador, professor da Academia de Polícia, escritor de vários artigos

Renata Soltanovitch

sobre investigação, era considerado um dos melhores e já estava sendo cotado para assumir a Corregedoria.

Ele foi embora, acompanhando o corpo até o IML e deixando seus investigadores no lugar para as perguntas de praxe.

E a primeira a ser questionada foi Thynna, o que fez com que ela ficasse brava, pois, se estava no quarto, deveria o investigador iniciar com aqueles que ainda estavam no luau, embora já fosse de manhãzinha.

Quando terminou de ser ouvida, o investigador a dispensou e não deixou que ela acompanhasse mais nenhuma conversa, deixando Thynna mais aborrecida ainda, que decidiu ir para o quarto se trocar, pois aquele pijama não estava contribuindo com sua aparência.

Voltou em menos de meia hora. Mas já não havia ninguém da polícia.

Capítulo VII

Como não viu ninguém mais da polícia, foi ter com o Rauzito.

– Bom dia, querido. Parece que a manhã vai ser longa! Cadê os policiais?

Renata Soltanovitch

– Já foram embora. Iriam esperar abrir o corpo da Paula e ver do que ela morreu. Iriam chamar a gente depois para depor.

– Depois quando? – perguntou Thynna.

– Sei lá. Pelo que entendi, iriam esperar os resultados do exame da Paula.

– Muito estranho. Pediram para você o cadastro de todos os hóspedes?

– Pediram sim e já entreguei.

– Você pode fornecer uma cópia para mim?

– Vixe... entreguei tudo para a polícia.

– Como assim? Você não ficou com nenhuma cópia?

– Não... esqueci de tirar... – e fez uma cara de quem, de fato, havia esquecido!

Capítulo VIII

O sol estava de rachar o coco e nenhum dos hóspedes parecia ter se abalado com a morte de Paula dentro da piscina.

Renata Soltanovitch

Ela, a piscina, já havia sido liberada para uso. Embora aquilo nem mesmo devesse ser caracterizado como uma piscina.

Seja como for, embora o sol estivesse a pino, o mar não estava para banhistas amadores e os salva-vidas apitavam loucamente para que todos, exceto os surfistas experientes, saíssem do mar.

O jeito era se refrescar na piscina da moça morta.

Thynna, até por conta de sua idade, achou por bem não disputar o deck com as jovens, mas decidiu observá-las do bar do hostel.

E pediu um lanche para o Rauzito.

– Sugiro – disse ele –, por conta do calor, uma tapioca com peito de peru picado, queijo muçarela, azeitona preta e tomate cereja fresco. E, para beber, uma água de coco batizada!

– Pode ser! Ah! Só a água de coco que quero gelada e sem batismo!

Rauzito sorriu e saiu, com o pedido apenas decorado, sem qualquer anotação em papel, o que deixou Thynna desconfiada de como viria sua água de coco.

De qualquer forma, Thynna precisava ficar atenta a qualquer movimento estranho. Embora o delegado do caso não a tivesse deixado se meter, ela se sentia na obrigação moral de descobrir como Paula morreu.

E, ao destrinchar sua tapioca, que desmilinguiu no primeiro corte, Thynna começou a anotar o comportamento dos demais hóspedes de longe.

Destrinchando sua tapioca com parte do recheio indo para um lado e o tomate fresco para o outro, se deu conta de que não havia explorado o banheiro da piscina, da mesma forma que sentiu que sua água de coco estava bem batizada, pois o gosto alcoólico já lhe rendeu um sentimento de felicidade.

Thynna adorava um banheiro. Mas a ideia de o explorar foi de entender alguma peculiaridade que pudesse desvendar o que aconteceu com Paula naquela madrugada.

Assim, tão logo assinou a comanda de seu lanche e visualizou bem o local, foi até o toailete e se deparou com algo inusitado.

Nas cabines, embora individualizadas e com portas, era impossível uma mulher, mesmo que magra, sentar-se naquele vaso sanitário para, confortavelmente, fazer xixi.

Embora o banheiro não tivesse indicação de gênero na porta, o fato é que não havia posição para uma mulher sentar ou até mesmo ficar de cócoras para fazer xixi.

E voltou para a piscina para observar melhor as hóspedes mulheres e se deu conta de que quase nenhuma possuía xoxota...

Capítulo IX

Thynna constatou que o delegado MdeLira não facilitaria sua investigação paralela, até porque ele mesmo disse que ninguém, nem mesmo a família da vítima, se interessou por seus serviços. De qualquer forma, havia uma morte. De uma jovem, por sinal.

Acidental ou não, estava morta e, mesmo sem poder acompanhar a necropsia do corpo, havia um desconforto no ar – e ela, ex-delegada e atual detetive particular, não deixaria isto em vão.

E, na dúvida, pelo sim, pelo não, decidiu ligar para sua amiga delegada Fabi e contar o que havia se passado. Sem saber se a morte tinha sido acidental ou não, tudo parecia muito estranho.

Fabi era uma delegada muito competente e foi aluna de Thynna logo que entrou para a polícia. Já poderia também ter se

aposentado, mas preferiu manter-se na ativa. Gostava muito do que fazia e sabia o quanto muitas vítimas ou suas famílias precisavam de alguém como ela, para que se acreditasse naquilo que, num primeiro momento, se chamava de Justiça.

Fabi era da Corregedoria secreta da polícia. Ninguém sabia disso. Só ela, seu marido, que também era delegado, sua equipe e o secretário-geral – o Dr. Abraão.

O que eles queriam descobrir era quem estava fornecendo drogas em um local como aquele, pois era uma praia bem vigiada, com muito policiamento.

E era isto que a Dra. Fabi, uma delegada discreta, tranquila, estava prestes a descobrir, e a ligação da detetive Thynna veio bem a calhar naquela hora.

Capítulo X

Enquanto isso, Thynna passou a interrogar os jovens hóspedes do hostel e os empregados.

Claro, de forma informal, já que não era autoridade para tanto.

E, neste momento, aproveita-se para se apresentar ao leitor alguns destes personagens.

Renata Soltanovitch

De antemão, além de nossa protagonista Thynna, com suas madeixas loiras e sua idade avançada, já apresentamos Rauzito, o delegado MdeLira, a delegada Fabi, Paula, a morta, e Rose, a faxineira.

Não lembra dela? Volte o texto, pois pelo visto você estava pensando na morte da bezerra.

Capítulo XI

O delegado MdeLira não deixava Thynna ler nem mesmo o boletim de ocorrência. Havia decretado sigilo das informações.

Nem mesmo contou para a detetive onde seria o velório da moça morta.

– Vai sair uma nota no jornal, detetive Thynna – disse o delegado, dando de ombros.

– Mas gostaria de saber qual foi o resultado da necropsia – afirmou Thynna, com rispidez.

– Tenha santa paciência, detetive. A senhora nem mesmo foi contratada pela família. Sei que anda incomodando os hóspedes com perguntas. A senhora não tem o que fazer?

– Não. Estou de férias.

Renata Soltanovitch

– Então vai descansar, curtir a praia. Passear de remo com o pessoal do porto. Vai fazer trilha na mata, mas só tome cuidado com o lobisomem – e riu.

Mas Thynna não achou graça, pois já teve experiência com um deles. Já viu, acreditava e sabia que existia e o delegado sabia disso, daí a provocação.

É que Thynna, quando delegada, precisou fazer uma investigação de um homem que molestava algumas mulheres casadas. Ele as seduzia quando seus maridos estavam fora de casa e, sem mais nem menos, sumia, desaparecia sob o olhar delas, em um passe de mágica. Isto, sempre à noite.

O tal lobisomem deixou muita mulher apaixonada por aí!

Thynna, então quando delegada, decidiu fazer campana com sua equipe de investigadoras. Conseguiram prender o homem, colocaram-no dentro do corozinho da viatura e, quando chegaram à delegacia, havia um cachorro no lugar que, tão logo viu a porta do camburão aberta, saiu em disparada e nunca mais foi visto.

Nem preciso dizer que isto virou piada entre os delegados.

Capítulo XII

Sentindo-se desprestigiada, Thynna foi procurar a família de Paula.

Depois de ter muita dificuldade no acesso à família, pois era muito segurança envolvendo todos, precisou usar subterfúgios para chegar perto do pai de Paula, o que demonstrou a ele a fragilidade de seu controle.

– Mas quem é você? – perguntou o Sr. Mauricio, dono de um jornal de grande circulação, à sua insistente visita.

– Desculpe, senhor. Meu nome é Thynna, sou delegada de polícia aposentada e detetive particular. Estou investigando, de forma paralela, a morte de sua filha Paula.

– Como assim? Quem lhe contratou?

– Ninguém. É que coincidentemente eu estava hospedada no hostel no mesmo dia em que sua filha foi encontrada morta.

– Entendi. Como conseguiu driblar minha segurança? – já meio surtado por dentro, pois era cético demais para acreditar em coincidências.

– Para o senhor ver como sua segurança é falha.

– Issac – gritou o Sr. Mauricio –, sente aqui e escute comigo o que a detetive tem a dizer.

Issac, que era o segurança do Sr. Mauricio, entendeu o que isto significava e sentou, calado, mas atento.

– Antes de mais nada, Sr. Mauricio – disse Thynna –, sinto muito pelo falecimento de sua filha Paula. Parece, segundo informações do menino do hostel, que ela morreu afogada em uma piscina que mais parece uma banheira de ofurô, o que me causa estranheza. Se o senhor me permitir, posso investigar profundamente a causa de sua morte. Só preciso que o senhor me autorize a ter acesso ao inquérito, já que o delegado decretou sigilo nas investigações.

– Investigação? Como assim? – questionou Issac, um pouco incisivo, o que deixou até mesmo desconfiado o seu patrão Mauricio, que o olhou com ar de indignação.

– Veja, detetive. Minha filha usou drogas naquela noite e teve uma overdose, o que fez ela desmaiar na piscina e se afogar. Nada mais. O laudo já está pronto e acredito que o delegado MdeLira apenas quer saber quem forneceu as drogas para minha filha, o que já não mais é de minha conta.

– Para nossa família – continuou Mauricio –, o caso está encerrado e minha filha já foi até cremada em uma cerimônia particular e reservada, hoje pela manhã.

– De qualquer forma – já levantando para cumprimentar a detetive – agradeço sua intenção de me avisar sobre a falha de minha segurança. O Issac irá acompanhá-la até seu carro e aproveitar para perguntar – não é mesmo Issac? – como a senhora conseguiu enganar meus seguranças, pois este tipo de coisa não pode acontecer jamais. Tenha uma boa tarde – e estendeu a mão e deu uma piscada para ela, o que fez com que Thynna ficasse desconfiada no final desta conversa.

Capítulo XIII

Após enfrentar um flagrante de roubo a banco seguido de morte de alguns de seus amigos policiais, MdeLira chega em casa e ao tirar seu paletó, é envolvido por uma bela mulher.

Ela o recebe de lingerie preta, fazendo com que sua pele branca e seu corpo perfeito fique mais ressaltado.

MdeLira sorri satisfeito. Paula o ajuda a despir-se, enquanto ele descarrega a arma com segurança e, no sofá mesmo, transam!

É, logo imaginei que você, leitor, precisava de uma folga na leitura deste conto, mas já está acabando!

Capítulo XIV

Já se despedindo de Rauzito e pagando seus dias de hostel, Thynna recebeu uma ligação da sua amiga delegada Fabi,

pedindo para que ela, antes de ir embora, a encontrasse em uma cafeteria próxima à praia.

– Dra. Fabi, é sempre bom ver a amiga. O que está fazendo aqui na praia?

– Fui procurada pelo Sr. Mauricio. Ele me disse que você conseguiu chegar até ele no restaurante da região, burlando a segurança e disfarçada de garçomete. É isto mesmo?

– Sim. Mas não sabia que vocês se conheciam!

– É uma longa história. Em resumo: ele é dono de um jornal famoso e, você sabe, nós, da polícia, precisamos também de ajuda para nossas reivindicações. Mas a questão não é essa. Ele quer te contratar para rever o plano de segurança dele e da empresa. Como ele trabalha até bem tarde, não quer ser morto saindo de lá, pois ele tem muitos inimigos. O que me diz? Está aqui o valor que ele te pagará pelo serviço – e passou para Thynna um papel com o valor, o que fez ela sorrir, pois significava que finalmente, com o trabalho concluído, poderia viajar pela Europa. Um sonho de muitos anos pendente.

Thynna começaria imediatamente, fazendo com que ficasse mais tempo instalada no hostel.

Ao voltar, Rauzito já estava com o quarto limpo e reservado à sua espera, o que lhe causou um pouco de estranheza.

Capítulo XV

Thynna confiava muito em sua amiga delegada, pois ela era a melhor de todas e entendia então seu propósito. Só que ninguém imaginava que Paula, a filha do Sr. Maurício, era uma criminosa.

Exato. Foi por sua culpa que seu pai tinha tantos inimigos, na tentativa de salvá-la das garras da criminalidade.

Ali não era falta de dinheiro, mas sim uma educação podre dada por sua mãe, morta por um policial ao tentar fugir de uma abordagem, já que seu veículo estava lotado de entorpecentes.

Mauricio se sentia culpado de ter se encantado pela mãe de Paula. Uma mulher lindíssima que conheceu em uma casa de prostituição.

Acreditou que poderia liberar a mulher daquele mundo e a maternidade pudesse ser sua salvação. Errou e, por mais que tivesse tentado tirar a mulher daquela vida, não conseguiu.

Com a separação, não teve a guarda da filha. Apenas era considerado o pagador de pensão, mesmo matriculando Paula nos melhores colégios, dos quais era sempre expulsa. A teoria dos frutos da árvore envenenada.

Renata Soltanovitch

Mesmo com a morte da mãe de Paula quando esta ainda era uma adolescente de 13 anos, sua educação rígida, inclusive em colégio fora do País, não lhe rendeu uma boa reforma íntima.

Paula traficava dentro do colégio, o que lhe causou a expulsão.

Aos 18 anos, não mais se submeteu às ordens do pai e nem ao seu dinheiro. Continuou brincando de vender drogas, até que foi encontrada no hostel por um de seus concorrentes.

Capítulo XVI

Thynna não imaginava, mas a morte de Paula foi uma farsa para tentar liberá-la das garras de um criminoso importantíssimo, por isso que o Dr. MdeLira estava sendo, na verdade, contratado para fazer sua segurança pessoal.

Mas, em pouco tempo, se apaixonaram. Foi amor ao primeiro olhar, o que fez com que o plano se abalasse e, com isso, fosse necessário reforçar a segurança do Sr. Mauricio.

Thynna fez um trabalho exemplar. Reformulou a segurança de seu cliente e conseguiu, ainda, um passaporte falso para Paula, que conseguiu sair do País, rumo à Europa e em sua companhia.

Renata Soltanovitch

MdeLira, apaixonado por Paula, mas comprometido com sua profissão de delegado, preferiu ficar, mesmo recebendo uma proposta tentadora de seu pai para que acompanhasse a filha.

Thynna, por sua vez, finalmente foi para a Europa, mesmo que a trabalho. E, como diria Guimarães Rosa, “*Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia*”.

No fim, #somostodosThynna!

É, leitor, você acaba de ler mais um conto sem pé nem cabeça. Para ler outros desta forma, sem qualquer comprometimento, é só acessar meu site www.vicentevieirasoltanovitch.adv.br/contos e baixar outros gratuitamente.